

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LX



Por formas diferentes, também ambas as peças consagram o contraste psicológico como recurso caracteristicamente sofocliano de caracterização e aprofundamento das personagens: Antígona e Ismena, Antígona e Creonte incarnam antagonismos, quer temperamentais quer de princípios, que reaparecem, embora com visibilidade dramática menos imediata, em Filoctetes/Neoptólemo e Filoctetes/Ulisses. Comum é ainda a concepção do coro como personagem e a ambígua relação que ocasionalmente promove com o espaço extra-cénico, ora como vítima de uma *apate* “engano” “ilusão” em breve desfeita pelos acontecimentos (caso da Ode a Dioniso, no último estásimo da *Antígona*, vv. 1115-1154) ora como sujeito activo dessa mesma *apate*, na intervenção coral dos vv. 676-729 do *Filoctetes*, cuja metateatralidade rebuscada constitui um dos focos mais em evidência da análise da tragédia.

Estes e outros aspectos, que as introduções de M. H. Rocha Pereira e J. Ribeiro Ferreira pormenorizam para cada uma das peças, realçam assim uma imagem convincente da unidade da obra sofocliana, em versões que reproduzem, com eficácia e ductilidade, ora o registo natural (não raro, patético) das falas das personagens, ora a concentração lírica e densamente emotiva das intervenções corais, como sucede exemplarmente nas odes há pouco assinaladas.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

TRÖSTER, Manuel, *Themes, Character, and Politics in Plutarch's Life of Lucullus*, Stuttgart, Historia Einzelschriften – 201, 2007, 206 pp. ISBN 978-3-515-09124-4

A obra *Themes, Character, and Politics in Plutarch's Life of Lucullus* de Manuel Tröster nasceu de uma tese de doutoramento apresentada pelo autor à Universidade de Trier (Alemanha) em Outubro de 2006.

Ainda que centrada numa figura histórica específica – Luculo, um político romano tardo-republicano –, este estudo não pretende fornecer um quadro geral da vida deste homem nem da sua carreira política, como o próprio autor faz questão de referir (p. 10). Pelo contrário, a preocupação foi abordar um conjunto de tópicos particulares daquela personagem, tendo em conta as principais linhas de orientação seguidas por Plutarco na *Vita* que lhe dedicou, confrontando-as, todavia, com outros testemunhos. Assim sendo, esses temas principais encontram-se distribuídos por capítulos em que, de forma independente, se aborda cada um deles, permanecendo ao longo de todos eles como fio condutor a visão daquele biógrafo grego de Luculo: helenismo (cap. 2), *tryphe* (cap. 3), política interna (cap. 4), liderança militar (cap. 5) e política externa (cap. 6).

Mas antes de entrar no desenvolvimento de cada um destes temas, o autor dedica o capítulo inicial da obra a algumas questões preliminares que, de algum modo, a delimitam histórica e metodologicamente. Em primeiro lugar, situa a

figura de Luculo no quadro das últimas décadas da República em Roma, altura em que desempenhou funções de cônsul (durante o ano 74 a.C.) e de procônsul (entre 73 a.C. e 66/63 a.C.), abordando brevemente o seu enquadramento social e político. Em segundo lugar, traça um panorama geral das fontes que nortearam o seu estudo, contextualizando as *Vitae* na obra de Plutarco e, de forma mais pormenorizada, o par *Címon e Luculo*.

O primeiro tema, que ocupará todo o segundo capítulo da obra, tem que ver com o helenismo de Luculo, que, segundo o autor, se consubstancia através de conceitos como *dikaiosyne*, *philanthropia*, *paideia* e *tryphe*. São estas as bases que determinam o seu modo de agir, quer na vida política, quer na privada, e que, ao mesmo tempo, contribuiram para a construção desta figura histórica.

O último destes conceitos, a *tryphe* – que em termos gerais pode ser entendido como um misto de luxúria e extravagância –, por ser o mais associado a Luculo, ocupará todo o terceiro capítulo. Partindo do curioso facto de, segundo as fontes principais, o político só ter abraçado este estilo de vida já em idade avançada, ao passo que enquanto novo tinha uma personalidade marcada pela sobriedade e comedimento – Plutarco acusa-o de *já* não ser digno da Academia –, Tröster traça o percurso dessa transformação que culmina com a vitoriosa chegada a Roma, após a campanha contra Mitridates. Além disso, cita algumas fontes que responsabilizam Luculo pela introdução deste hedonismo extremo na cidade, causa principal do epíteto que lhe andou associado, *Xerxes togatus*. O autor não se limita a elencar esses testemunhos que reduzem a figura de Luculo a um hedonista inveterado, argumentando, pelo contrário, com base em dados arqueológicos e fontes literárias, que essa imagem é, muitas vezes, exagerada e forjada.

Neste ponto, entramos já no capítulo quarto da obra, onde se apresenta um quadro geral das ligações entre Luculo e os políticos romanos do seu tempo. Relações de inimizade com, por exemplo, Pompeu contribuíram para algumas acções de propaganda política para descredibilizá-lo, servindo-se, em primeira instância, do facto de ele ser um partidário convicto de Sula – Tröster mostra algumas reservas quanto a esta tese, apontando algumas falhas na argumentação de quem crê nesta ligação tão forte com os ideais do ditador – e, já depois, pelo estilo de vida que decidiu abraçar. A este respeito, Plutarco aproveita a figura de Pompeu – símbolo da sobriedade romana – como marco de referência para apontar os vícios hedonistas de Luculo.

Na última parte do capítulo, Tröster refere a forma nem sempre eficaz como Luculo se relacionava com as massas populares, cujas inclinações andavam um pouco ao sabor da máquina propagandística, e, em particular, como eram as suas relações com o corpo político de Roma.

No capítulo 5, é abordada a faceta de líder militar de Luculo, durante a qual sente semelhantes problemas. É muitas vezes acusado pelos seus soldados de excesso de brandura para com as populações gregas, pois não permitia aos homens

sob as suas ordens, por exemplo, pilhar indiscriminadamente os territórios conquistados. De formação totalmente oposta à da rude massa de legionários, Luculo queixa-se constantemente de indisciplina, bem como de não conseguir captar o carinho do seu exército.

Esta forma tão particular de encarar a política externa (capítulo 6) da super-potência da altura (Roma) representava para Luculo uma espada de dois gumes: se, por um lado, mantinha boas relações com grande parte dos povos estrangeiros, por outro, comprometia as suas relações com o exército, bem como alimentava as inimizades que tinha contra si. Tinha o apoio de alguns populares, aristocratas e até intelectuais (o poeta Árquias, por exemplo), o que lhe garantia um certo sentimento de poder e glória; mas, ao chocar com algumas directrizes da política romana, foi perdendo pouco a pouco a sua influência até que se eclipsou, quando Pompeu o substituiu no cargo de comandante supremo e as suas decisões começaram a ser constantemente vetadas.

No capítulo com que conclui a sua obra, Tröster diz que a caracterização de Luculo por Plutarco assenta em muitos estereótipos e *topoi* que comprometem um entendimento cabal desta figura (pp. 150-151), bem como relembra, a par de outros autores (p. 149, n. 4), que o filelenismo de Luculo, associado às benfeitorias com que prendou Queroneia (cidade de Plutarco), lhe retiram alguma imparcialidade de juízo. Esta contingência, aliada à pouca importância que os estudiosos têm dado a esta figura histórica, justifica, por si só, a publicação de uma obra que, por um lado, analise pormenorizadamente a autoridade máxima da biografia de Luculo (Plutarco), mas, por outro, forneça outras informações complementares e, mais importante, novas perspectivas. É que, através deste exemplo de Luculo, Manuel Tröster mostra-nos que a definição da figura do aristocrata romano não é um processo simples e linear, na medida em que algumas das fontes que a sustentam poderão estar de certa forma corrompidas por factores que determinaram a sua composição, como a propaganda política ou os objectivos específicos de Plutarco e de outros autores antigos. Mais do que uma definição, é, sobretudo, uma construção.

Finalmente, cabe referir que, a finalizar o texto, segue uma vasta lista de bibliografia sobre este assunto e dois índices, um geral e outro de fontes citadas, que se revestem da maior utilidade.

RODOLFO PAIS NUNES LOPES